

BOLETIM PAROQUIAL DE SÃO DOMINGOS

Matriz Paroquial São Domingos
Padroeiro: São Domingos de Gusmão
Data de fundação: 24/03/1940



Santa Catarina de Sena, afresco pintado por Andrea Vanni, discípulo de Catarina. Capella delle Volte, Igreja de São Domingos, Sena/Itália.

FALAR COM DEUS E DE DEUS

No início do século XIII, a Igreja vivia um período de nebulosidade, e concomitantemente, um grande espírito de renovação. São Domingos de Gusmão – o fundador da Ordem dos Pregadores, conhecida mais como Dominicanos – orientava seus frades a sempre “Falar com Deus e de Deus”. Assim, os frades mendicantes que inauguravam um novo estilo de vida religiosa, meio monges e meio de vida ativa, passaram a buscar essa intimidade com Deus e conseqüentemente atuar mais na sociedade. Razão essa que tornaria a Universidade um seguimento privilegiado como campo de ação pastoral, possibilitando articular a teologia e as várias outras ciências existentes até então, como também um viés para aprofundar o conhecimento sobre o homem em suas várias abordagens.

Percebe-se que inicialmente a colocação de São Domingos é simples, mas muito complexa em seus desdobramentos, pois é necessário conhecer bem a humanidade e conhecer melhor ainda Jesus, que nos revela quem é Deus Pai. Todo esse processo é exigente na medida em que é necessário falar partindo de si mesmo antes de falar sobre os irmãos. Exercício que nos leva a tomar consciência que todos são frágeis perante Deus e necessitados de sua misericórdia.

Constata-se que a mesma dificuldade da idade média ao falar de Deus e com Deus encontra-se presente nos dias de hoje. Todos estão expostos ao turbilhão de demandas do mundo: cada um mergulhado em sua realidade e muitas vezes dedicando-se pouco a “investir” em Deus. Para todos é um grande desafio a ser superado! Buscar transcender nossos muros na busca do ter e assumir a eternidade do ser em Deus.

Para tanto, falar com Deus requer conversão profunda de projeto de vida e conseqüentemente prioridade no relacionamento. Nessa relação de intimidade – e assim Deus deseja – constrói-se uma verdadeira amizade. Na amizade, as falas são fluídas, pois os dois comunicadores (no caso específico – Deus e o orante) encontram sintonia. Tal sintonia demanda assunto, e o assunto central é falar sobre como se deve ajudar a procurar sempre o bem de todos para que alcancem mais facilmente a salvação oferecida por Deus à humanidade. Não poderia ser diferente! Falar com Deus sobre os homens sofredores – prioritariamente e não exclusivamente – é colocar nas mãos de Deus a realidade vivida de seus filhos e filhas espalhados pelo mundo. Falar com Deus é falar sobre todos os homens e mulheres, adultos, jovens e crianças, entre oscilações de

tristezas e alegrias. Falar com Deus, muitas vezes é não pronunciar nem uma só palavra. É calar-se! Pois tudo estará revelado no silêncio profundo e fecundo de se apresentar com o seu coração aberto e encher-se do amor de Deus. Falar com Deus, é ser o que se é, frente a frente, esperando sempre sinais divinos que possibilitem conduzir as ações humanas de todos. O encontro tanto poderá ser de súplica e/ou de agradecimento. A realidade é que orientará.

Para os brasileiros, inclui-se a realidade quando apresenta o quanto é gritante o sofrimento do povo com tanta corrupção; tantos desempregados; tantos políticos sem ética; tantas mortes por balas perdidas; tantos atendimentos não realizados nas unidades de saúde; tantos professores desamparados no exercício de sua vocação; e tantos e tantos. Como também agradecer tantas belezas encontradas no meio ambiente apesar do desmatamento e do desrespeito ambiental; e dos nascimentos de crianças puras e inocentes que devem ser educadas e orientadas para se tornarem entre outras coisas: HUMANAS.

Não se consegue falar sobre Deus aos homens, sem ter um encontro forte com Deus. É no diálogo com Deus que cada pessoa descobre o que fazer em meio aos homens, caso contrário falar-se-á de uma perspectiva intimista, arriscando elaborar uma oratória fria e etérea. Falar com os homens e mulheres partindo do fruto da fala com Deus revelado em palavras e gestos do orante o entendimento do que é o próprio Deus – misericórdia, delicadeza, fortaleza, justiça – e do seu desejo de salvar a humanidade, promove-se o encontro do criador (Deus) com a criatura (o ser humano). Falar de Deus é expor-se desnudo, da mesma forma que Jesus esteve na cruz: frágil e forte; morto e ressuscitado; presente para sempre na vida de cada um, mesmo não sendo percebido – mas, estando sempre à espera.

Tudo dependerá de um exercício cotidiano. A experiência do silêncio. O deixar-se levar em nada fazer ou pensar, esperando a percepção do esvaziar-se de si mesmo e encher-se simultaneamente do amor de Deus. Forma-se uma cadeia de comunicação que vai ao encontro daquilo que viveu o próprio Cristo em sua vida histórica: sua constante relação com o Pai, falando de toda humanidade e para a humanidade o todo de Deus. O ritmo sempre deverá ser progressivo e cada um encontrará seu modo específico de Falar com Deus e de Deus.

Frei Mário Taurinho OP

RENOVAÇÃO CRISTÃ do BRASIL

O **segundo encontro** organizado pelo grupo Renovação Cristã juntamente à Paróquia, no escopo da Campanha da Fraternidade de 2019, ocorre em **06/04, sábado, das 9h30 ao Meio dia**.
O enfoque será o **JULGAR** – com o teólogo **Jung Mo Sung**.

Durante a **Quaresma**, haverá **Via Sacra**
toda Quarta-feira, a partir das **20h**, na Igreja

CATECISMO

“A SUBIDA DE JESUS A JERUSALÉM

557 ‘Quando ia se completando o tempo para ser elevado ao céu, Jesus tomou a firme decisão de partir para Jerusalém’ (Lc 9, 51). Com esta decisão, indicava que subia a Jerusalém pronto para morrer. Por três vezes tinha anunciado sua paixão e sua ressurreição. Ao dirigir-se para Jerusalém, disse: ‘Não convém que um profeta morra fora de Jerusalém’ (Lc 13,33). [...]

A ENTRADA MESSIÂNICA DE JESUS EM JERUSALÉM

559 Como Jerusalém vai acolher seu Messias? Embora sempre se tivesse subtraído às tentativas populares de fazê-lo rei, Jesus escolhe o momento e prepara os detalhes de sua entrada messiânica na cidade de ‘Davi, seu pai’ (Lc 1, 32). É aclamado como o filho de Davi, aquele que traz a salvação (‘hosana’ quer dizer ‘salva-nos!’, ‘dá a salvação!’). Ora, o ‘Rei da Glória’ (Sl 24,7-10) entra em sua cidade ‘montado num jumento’ (Zc 9,9): não conquista a Filha de Sião, figura de sua Igreja, nem pela astúcia nem pela violência, mas pela humildade que dá testemunho da Verdade. Por isso os súditos de seu Reino, nesse dia, são as crianças e os ‘pobres de Deus’ que o aclamam como os anjos o anunciaram aos pastores. A aclamação deles – ‘Bendito o que vem em nome do Senhor’ (Sl 118,26) – é retomada pela Igreja no ‘*Sanctus*’ da liturgia eucarística, para abrir o memorial da Páscoa do Senhor.

560 A entrada de Jesus em Jerusalém manifesta a vinda do Reino que o Rei – Messias vai realizar pela páscoa de sua morte e de sua ressurreição. É com sua celebração, no Domingo de Ramos, que a liturgia da Igreja abre a grande Semana Santa.”*

* Catecismo da Igreja Católica. Edições CNBB e Edições Loyola, 4a. ed., 2017. pp.158-9.

PARA REZAR O TERÇO

“O Rosário não é apenas uma oração vocal, mas, sobretudo, uma oração mental, um orar refletindo sobre o Cristo em nossas vidas e em nossos caminhos.

O Rosário deveria ser um reviver a História da Salvação, a História da Igreja que vai sendo construída no nosso dia a dia. [...] Deveria ter como ‘pano de fundo’ não apenas o Novo Testamento, mas toda a Bíblia, a história da presença de Deus na vida humana de todos os tempos.”***

***Frei Humberto Pereira de Almeida OP. *Rezar o Rosário: rezando a vida e a história*. Goiânia: Editora América, 2010. p. 11

SANTA CATARINA DE SENA,

virgem e doutora da Igreja. Nasceu em Sena, Itália, em 1347, sendo a penúltima de 25 filhos. Ainda criança consagrou a Deus sua virgindade.

Sofreu grandes tormentos por parte dos seus para poder levar sua vida de oração e penitência, na Ordem da penitência de São Domingos, chamada mais tarde Ordem Terceira. Seus escritos espirituais, especialmente *O Diálogo* e as *Cartas*, permitem ainda hoje se lhe possa chamar de “mãe”, nome este que seus discípulos lhe haviam dado.

Morreu em Roma no ano de 1380, aos 33 anos de idade, no dia 29 de Abril, data em que se celebra sua festa litúrgica.

Santa Catarina de Sena, padroeira da Europa

- por Frei Timothy Radcliffe OP**

[...]

A Europa de Catarina, como o nosso mundo de hoje, esteve marcada pela violência e por um futuro incerto: o papado havia fugido para Avinhão, degradando a Igreja e dividindo países, cidades e Ordens religiosas, inclusive a nossa; as cidades tinham sido dizimadas pela peste bubônica, conhecida como peste negra; havia um declínio de vitalidade na Igreja e uma perda de identidade, assim como uma crise na vida religiosa.

Catarina se negou a resignar-se ante este sofrimento e esta divisão. Nas palavras de João Paulo II, ela entrou “com passo firme e palavras ardentes no coração

dos problemas eclesiais e sociais da sua época” (Motu proprio, “*Spes aedificandi*”, 1999, n. 6). Dirigiu-se aos governantes, políticos e religiosos, pessoalmente ou por cartas, e lhes assinalou claramente as suas falhas e qual era o seu dever como cristãos. Não teve constrangimento em dizer, inclusive ao Papa, que devia ter valentia e voltar para Roma. Visitou cárceres, cuidou de presos e enfermos. Devorava-a a urgência de levar a todos o amor e a misericórdia de Deus.

Sobretudo Catarina lutou pela paz. Estava convencida de que “*nem com espadas, nem com guerras, nem com crueldades*” se

podia chegar ao bem, mas “*com a paz e a humilde e contínua oração*” (D. 15). Porém jamais sacrificou a verdade ou a justiça por uma paz fácil ou a baixo preço. Lembrou aos soberanos da Europa que buscar a paz sem a justiça era como pôr bálsamo em uma chaga que precisava ser cauterizada (C. 262). Sabia que ser pacificador significava seguir os passos de Cristo e sofrer a repulsa. O pacificador é “*outro Cristo crucificado*”. O nosso próprio mundo está dilacerado pela violência: violência étnica ou tribal na África e nos Bálcãs; ameaça de

uma guerra nuclear, violência nas nossas cidades e famílias. Catarina nos convida a ter a coragem de ser pacificadores, ainda que isto signifique que nós mesmos tenhamos que sofrer perseguição e desprezo.

A paz para Catarina significava, acima de tudo, a paz na Igreja: evitar o Grande Cisma. E ao mesmo tempo percebemos o seu grande amor pela Igreja, que para ela não era “*outra coisa senão o próprio Cristo*” (C. 171), com sua coragem e liberdade. Amou tanto a Igreja que não duvidou em denunciar as falhas dos clérigos e bispos na sua busca de riqueza e posição social, e se tornou a



Busto de Santa Catarina de Sena

Esculpido em mármore por Jacobo della Quercia a partir da máscara mortuária da Santa. Século XIV. Igreja de São Domingos, Sena/Itália.

Segundo historiadores, há duas imagens realizadas à semelhança de Catarina: o afresco que utilizamos na capa do Boletim e o busto acima reproduzido.

Nas próximas páginas: (D. nº) refere-se ao livro de Santa Catarina de Sena *O Diálogo*, seguido do número do capítulo original. (C. nº) refere-se às *Cartas* de Catarina e ao número da carta. (O. nº) refere-se às *Orações* da Santa e ao respectivo número.

testemunha do mistério de Cristo no mundo, a servidora humilde de todos. Inclusive ousou dizer a Deus o que tinha que fazer quando rogou:

“Te exijo pois, posto que tu o sabes, podes e queres, que tenhas misericórdia do mundo, envies o calor da caridade com paz e união da Igreja. Não quero que tardes mais” (O. 24).

A Igreja do nosso tempo sofre também divisões, causadas por incompreensões, intolerância e uma perda do *“calor da caridade e da paz”*. Hoje o amor pela Igreja é muitas vezes entendido como um silêncio distante do senso crítico. Não se deve *“agitar a barca”*! Porém Catarina nunca pôde permanecer em silêncio. Escreveu a um importante prelado: *“Não fiques mais em silêncio. Grita com cem mil línguas. Vejo que o mundo está perdido por se calar. A esposa de Cristo está descolorida, perdeu o calor”* (C. 16). Que Santa Catarina nos ensine seu amor profundo pelo Corpo de Cristo, e sua sabedoria e coragem para dizer com verdade e abertamente palavras que unem no lugar de dividir, que iluminam em vez de escurecer, e que curam no lugar de ferir.

As relações de Catarina com seus amigos, e em especial com seus irmãos e irmãs dominicanos estiveram marcadas pela mesma combinação de amor e audácia em

falar (At 4,31; 2 Cor 7,4) . Ela considerava cada amigo como um dom de Deus, que devia amar *“muito de perto, com um amor particular”* (D. 41). Acreditava que a amizade mútua era uma oportunidade *“para falar mutuamente na doce presença de Deus”* (C. 292), e uma proclamação da *“glória e louvor do nome de Deus no próximo”* (C. 226). Porém este amor não lhe impediu de falar com toda a franqueza a seus amigos, e dizer aos seus irmãos exatamente o que deviam fazer, inclusive a seu querido Raimundo de Cápuia, que chegou a ser Mestre da Ordem no ano da sua morte. Não pode haver amor sem verdade, nem verdade sem amor. Assim rezava por seus amigos:

“Deus eterno, te peço com singular solicitude por todos os que me deste para que os ame com singular amor. Que sejam plenamente iluminados com tua luz e que se tire deles toda imperfeição, para que em verdade possam trabalhar em teu jardim, onde tu os tens destinado” (O. 21).

[...]

Catarina foi uma mulher apaixonada, com profundos desejos: a união com Deus, a difusão do Evangelho e o bem de toda a família humana. O desejo preenche os corações. Ela disse a Deus: *“Tu fazes grande o coração, não estreito – tão grande que tem lugar para todos na sua caridade*

amorosa” (O. 21). E Deus disse à Catarina: *“Eu, que sou Deus infinito quero ser servido por vós de modo infinito, e infinito não tendes mais que o afeto e o desejo do vosso espírito”* (D. 21). Como podemos viver como homens e como mulheres tocados pela paixão de Catarina por Deus? Como podemos nos libertar da pequenez de coração e da complacência em pequenas satisfações? Talvez descobrindo, como fez Catarina, que Deus está presente no fundo mesmo do nosso ser. A paixão por Deus não é algo a que se cobra gosto, como a afeição pelo futebol. Está na essência do meu ser, esperando que eu descubra. Para muita gente hoje a pergunta urgente é: *“Quem sou eu”*? Esta foi a pergunta de Catarina. A busca contemporânea do conhecimento de si mesmo é, com frequência, uma preocupação narcisista, uma concentração introvertida no próprio bem estar e realização. Mas, para Catarina, quando enfim me vejo como eu sou, não descobro uma pequena fagulha do meu eu egoísta e solitário. No que Catarina chama *“a cela do conhecimento de si”* eu me descobro amado no meu próprio existir. Ela se descobriu como *“concentrada na cela interior e para conhecer melhor a si e a bondade de Deus”* (D. 1) . Se me atrevo a fazer esta viagem até o conhecimento de mim mesmo,

então descobrirei o quanto sou pequeno, imperfeito e limitado, mas verei também que sou profundamente amado e valorizado. Deus disse a Catarina: *“Com providência te criei e, ao contemplá-la em mim mesmo, me enamorei da beleza da minha criatura”* (D. 135).

Por isto Catarina nos oferece uma resposta libertadora na busca contemporânea de identidade. Leva-nos bem além de uma falsa identidade baseada na posição e riqueza ou no poder. Porque nas entrelinhas do nosso ser está Deus, cujo amor nos mantém no ser. Este é o lugar da oração contemplativa, onde a pessoa se encontra com Deus que se compraz em amar e em perdoar, cuja bondade nós saboreamos. Aqui descobrimos o segredo da paz de Catarina e do seu dinamismo, de sua confiança e de sua humildade. Foi isto que fez desta juvenzinha, com pouca educação formal, uma grande pregadora. Foi isto que lhe deu a liberdade de falar e de escutar. Foi isto que lhe deu a valentia para enfrentar os grandes problemas do seu tempo, submergindo-se neles. Com a ajuda das suas orações nós podemos fazer o mesmo.

Vosso irmão em S. Domingos.

**Fr. Timothy Radcliffe OP
Mestre geral emérito da Ordem

Tradução Frei Humberto Pereira OP

PROGRAMAÇÃO da SEMANA SANTA

Domingo de Ramos – Pela manhã, Missa somente às 10h
À noite, Missa às 19h

Semana Santa –

- 3^a-feira Santa: Celebração comunitária da Penitência às 19h30
5^a-feira Santa: Pela manhã, Missa dos Santos Óleos na Catedral da Sé às 10h
Missa do Lava-pés e da Ceia do Senhor às 19h
6^a-feira Santa: Confissões das 9h às 11h
Celebração da Paixão do Senhor às 15h
Procissão saindo às 19h da Capela da PUC para São Domingos
Sábado Santo: Confissões das 9h às 11h
Celebração Eucarística da Vigília Pascal às 19h

Domingo de Páscoa – Missas às 9h, 10h30 e 19h

HORÁRIOS DA PARÓQUIA

Missas

Segunda-feira – 11h30
De Terça a Sexta-feira – 11h30 e 19h
Sábado – 12h15 e 19h30
Domingo – 9h; 10h30 e 19h

Secretaria

Segunda-feira – das 9h às 12h
Terça e Quinta-feira –
das 9h às 12h e das 14h às 18h30
Quarta e Sexta-feira –
das 9h às 12h e das 14h às 17h

Recitação do Terço

De Segunda a Sexta-feira - 11h
Antecede a Missa

Atendimento do Pároco

Quinta-feira – das 14h às 16h
Sexta-feira – das 16h30 às 18h

Confissões

Nos horários de atendimento ou a combinar

Sacristia

De Segunda a Sexta-feira –
das 9h às 12h45 e das 13h45 às 19h30
Sábado – das 9h às 16h e
das 17h às 21h

Hora Santa Eucarística e Benção do Santíssimo

Quinta-feira – 15h

Oração do Rosário: Adoração ao Santíssimo Sacramento e Benções

Quarta-feira – 20h e Sábado – 16h

Ministros Extraordinários da Eucaristia se dispõem a levar a Sagrada Comunhão aos doentes

Contatar a secretaria

Catequese para Primeira Eucaristia

Informações na Secretaria

Sacramento do Batismo

Inscrições na secretaria.
Encontro para a preparação de pais e
padrinhos na última Terça-feira do mês,
às 20h.
Celebração do Batismo:
Sábado – 10h e 10h45 e
Domingo – 11h45

Sacramento do Matrimônio

Celebração do Matrimônio:
De Terça a Sexta-feira – 18h e 20h
Sábados – 18h, 19h e 20h

Fraternidade Leiga de São Domingos

Encontros de espiritualidade –
na terceira Quinta-feira do mês,
às 14h30. Com palestra e Missa

Renovação Cristã do Brasil

Informações na Secretaria

Grupos de Assistência Social:

- SOPÃO: A paróquia acolhe os mais necessitados toda Segunda-feira das 16h às 17h para servir refeição
- BAZAR: atendimento toda Quarta-feira das 14h às 18h. Realiza a venda de roupas a preços módicos. Recebe doação em dinheiro e artigos (tais como: roupas, alimentos, objetos). Promove a confecção de enxovais para mães necessitadas.

Pastoral do Dízimo

Informações na Secretaria

Endereço: Paróquia São Domingos. Rua Caiubi, 164. Perdizes.
São Paulo/SP CEP 05010-000. Tel: 11 3862-8228 e 11 3887-1315
sdperdizes@hotmail.com e paroquiasaodomingosperdizes@gmail.com

Pároco: Frei Márcio Alexandre Couto OP – Vigário Paroquial: Frei José Almy Gomes OP